

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 21 | Número 3 | Ano/período: setembro/dezembro 2022

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v21i3.13771

ISSN: 2763-8804

A eleição municipal de 2012 em São Paulo:

voto evangélico, antipetismo e fake News

Cassio Augusto GUILHERME¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

GUILHERME, Cassio Augusto. A eleição municipal de 2012 em São Paulo: voto evangélico, antipetismo e fake News. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 21, n. 3, p.34-59, set/dez 2022.

Recebido em: 10/08/2022 | Aprovado em: 05/12/2022 | Publicado em: 22/12/2022

¹ Possui graduação em História pela Faculdade Estadual de Educação, Ciência e Letras de Paranavai (2009), graduação em Direito pela Universidade Paranaense – Paranavai (2005), mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2012) e doutorado em Doutorado em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (2021). Atualmente é Professor Assistente A da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Tempo Presente.

A eleição municipal de 2012 em São Paulo: voto evangélico, antipetismo e fake news

Resumo

Este artigo narra e discute a eleição municipal de 2012 em São Paulo. A hipótese de trabalho é que os temas: voto evangélico, antipetismo e o uso de fake news foram constantes e importantes para a disputa. Elementos estes que seriam posteriormente exacerbados nas eleições nacionais seguintes. Para tanto, usa-se como fonte e objeto de análise o jornal O Estado de S. Paulo, em debate com parte da bibliografia existente. O objetivo é contribuir para os debates da história política do tempo presente no Brasil.

Palavras-chave: Eleição, São Paulo, antipetismo, evangélico; fake news

The 2012 municipal election in São Paulo: evangelical vote, antipetismo and fake news

Abstract

This article narrates and discusses the 2012 municipal election in São Paulo. The working hypothesis is that the themes: evangelical vote, antipetismo and the use of fake news were constant and important for the dispute. These elements would later be exacerbated in the following national elections. To this end, the newspaper O Estado de S. Paulo is used as a source and object of analysis, in debate with part of the existing bibliography. The objective is to contribute to the debates of the political history of the present time in Brazil.

Keywords: Election, São Paulo, antipetismo, evangelical; fake News

Há uma série de elementos que precisam ser somados para que se possa compreender e explicar o que Luis Felipe Miguel chama de “o colapso da democracia no Brasil” (2019). Recentemente, vários trabalhos acadêmicos têm se esforçado nessa empreitada. Cada um com sua abordagem e foco traz importantes análises do sistema político brasileiro e a reflexão sobre os riscos para a democracia eleitoral no país (ABRANCHES, 2018) (ABHANCHES *et al* 2019).

É fato que a sociedade e o sistema político brasileiro entraram em um processo de radical mudança a partir das chamadas “Jornadas de Junho de 2013” (NOBRE, 2013). Este processo, ainda em aberto, teve seu clímax na eleição presidencial de 2018. A campanha eleitoral que levou o candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro (PSL) à vitória sobre o de centro-esquerda Fernando Haddad (PT) contou, entre outros fatores, com forte atuação dos setores evangélicos, excesso de *fake news* espalhadas pelas redes sociais e grande exploração do moralismo antipetista na imprensa e em setores médios da sociedade.

Este artigo dialoga com os estudos sobre a história política do tempo presente no Brasil. A hipótese é que os elementos que foram fundamentais para a vitória de Bolsonaro em 2018 e para a acirrada disputa de 2014 estavam presentes, de forma crescente, na disputa municipal de 2012 no município de São Paulo (SP). É possível perceber, já em 2012, algumas das características fundamentais encontradas nas eleições seguintes: Celso Russomano (PRB) foi o candidato 3ª via, político do baixo clero e intimamente ligado aos setores evangélicos; José Serra (PSDB) foi o candidato oficial do antipetismo; Fernando Haddad (PT) foi o candidato

representante do reformismo lulista (SINGER, 2012). Os principais temas da campanha eleitoral foram: intensa busca pelo voto religioso dos evangélicos, exacerbada retórica antipetista e uso de *fake news* contra Haddad, em especial o chamado “kit gay”.

Não se quer argumentar aqui que nas disputas eleitorais anteriores estes elementos estiveram ausentes. O que este artigo sustenta é que a crise político-social de 2013 acentuou o uso destes pontos nas disputas eleitorais. Além disso, esta eleição de 2012 foi fundamental para os rumos políticos seguintes do país, uma vez que recairia sobre os ombros do prefeito eleito e seu partido, o desgaste político provocado pelos movimentos de junho de 2013 na capital paulista, a maior e mais importante cidade do país.

Ao justificar pesquisas que enfoquem as eleições, René Remond argumenta que elas são um importante “indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos” (2003, p. 40). Neste sentido, o mesmo autor inclui o estudo das campanhas eleitorais, por serem mais que as meras “preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos”, mas, fundamentalmente, “a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos políticos e os movimentos de opinião” (2003, p. 49) de políticos, sociedade e imprensa que permitem “o conhecimento das mentalidades e das ideologias” (2003, p. 50) em disputa.

Assim, como contribuição à historiografia, este artigo trabalha a eleição municipal de São Paulo a partir do que foi narrado e comentado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (*Estadão* ou *OESP*)². A escolha do periódico se justifica pela experiência no trato com o referido material em outros recortes, por ser o periódico de maior circulação na cidade, bem como o fato de ser o único dos grandes jornais a historicamente declarar explícita preferência eleitoral antipetista em todas as eleições presidenciais desde 1994 (GUILHERME, 2018). Utilizo *Estadão*, ao mesmo tempo, como fonte e objeto nos termos elencados e defendidos por Tania Regina de Luca (2011). Ou seja, embora compreenda-se que a imprensa não é ator desinteressado na luta política e que, a cada edição, faz uma seleção ideologizada do que leva ao seu leitor, “as renovações no estudo da História Política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (LUCA, 2011: 128). Além disso, como complementa Jean-Jacques Becker, a imprensa é “produtora considerável de informações diversas, que esclarecem as atitudes e os comportamentos: ela noticia reuniões políticas, o número de participantes, traz relatos de manifestações” (BECKER, 2003: 196-197), etc.

A definição, perfil e coligações dos candidatos

² Por conta da limitação de espaço, apenas um periódico da grande imprensa é analisado, o que em si não depõe contra o trabalho. Fica-se na expectativa de que esta metodologia de olhar detalhista e vertical seja replicado tendo outros jornais e revistas como fonte e objeto, para então ampliar consideravelmente o conhecimento e compreensão sobre o tema.

A eleição municipal de 2012 em São Paulo contou com 12 candidatos. Destes, pode-se dizer que apenas 4 entraram na disputa com chances reais de alcançar o segundo turno (Russomano, Serra, Haddad e Chalita). Os demais 8 candidatos admitiam que participavam da eleição com outros objetivos: puxar votos para vereadores; dar visibilidade ao partido; provocar debates mais acalorados sobre o município ou mesmo fazer divulgação ideológica.

Dos candidatos cujos partidos possuíam maior inserção nacional, a jornalista Soninha Francine (PPS) foi a única a se manter nas pesquisas com índices de intenção de votos acima do 1% ao longo de toda a campanha. Outro candidato de destaque no cenário político nacional era o deputado e ex-sindicalista Paulo Pereira da Silva (PDT), que admitia ter como objetivo principal promover sua imagem e ajudar na eleição de vereadores do PDT, partido que historicamente possui pouca inserção na capital paulista. Mantendo a tradição, os pequenos partidos de esquerda lançaram seus candidatos próprios com objetivos de dar visibilidade às siglas e promover o debate mais ideológico sobre a política: Carlos Giannazi (PSOL); Ana Luiza (PSTU) e Anai Caproni (PCO). Com objetivo de se fazer conhecer pelo eleitor, o recém criado PPL lançou o candidato Miguel Manso. Por fim, os sempre polemistas candidatos donos de siglas Levy Fidelix (PRTB) e José Maria Eymael (PSDC).

Foi o PMDB quem deu a largada na corrida eleitoral. O maior partido do país não lançava candidato próprio a prefeitura do maior município desde 1996, quando José Pinotti recebeu 1,79% dos votos. A partir de então, o partido concorreu apenas com vice-prefeitos³. Desde 2010, com a morte do líder político Orestes Quécia, o diretório estadual passou a ser liderado pelo deputado Michel Temer e seu grupo político. Em meados de 2011, o vice-presidente liderou dois movimentos políticos importantes. Primeiro filiou Paulo Skaf, presidente da Fiesp, que havia concorrido ao governo estadual em 2010 pelo PSB. Dias depois, filiou o segundo deputado federal mais votado no estado, Gabriel Chalita (PSB). Segundo o *Estadão*, estes movimentos peemedebistas usam “SP para ameaçar embate com o PT pelo País”⁴. Uma vez que Skaf tinha ainda 4 anos à frente da Fiesp, seu nome ficou reservado para a disputa estadual em 2014, já Chalita foi imediatamente lançado pré-candidato à capital. O plano do PMDB era de o quanto antes criar um “fato consumado” e forçar o PT a apoiá-lo localmente contra um nome do PSDB. A expectativa do PMDB sobre o jovem e católico Gabriel Chalita era de que ele fosse “um bom produto, fácil de levar, fácil de vender” ao eleitorado, que buscava renovação política e estava cansado da polarização PT x PSDB na capital paulista⁵. O partido formou uma chapa pura com Marianne Pinotti na vice e apoio dos nanicos PSC, PTC e PSL.

Ao longo da campanha, Chalita manteve baixos índices de intenção de voto e por isso pouco apareceu na cobertura diária feita pelo jornal. Apenas na última semana é que esboçou uma escalada, mas já não havia tempo para almejar uma vaga no segundo turno. Suas críticas a

³ Em 2000 com Romeu Tuma (PFL), em 2004 com Luiza Erundina (PSB) na qual Michel Temer foi o candidato a vice e, em 2008, teve Alda Marco Antônio (depois filiada ao PSD) eleita vice-prefeita junto com Gilberto Kassab (então no DEM).

⁴ Jornal *OESP* de 12/05/2011, p. A4.

⁵ Jornal *OESP* de 07/10/2012, p. H9.

Kassab desagradaram ao PMDB local, que possuía cargos na administração municipal. Chalita não fez comícios e pouco arrecadou em doações de campanha, cujo tesoureiro foi José Yunes, “arrecadador ligado a Temer”⁶. O vice-presidente, aliás, só esteve com o pupilo em uma curta caminhada pelo comércio popular.

O candidato que liderou todas as pesquisas de intenção de voto ao longo do primeiro turno foi Celso Russomano (PRB), que fora derrotado na eleição para governador em 2010, na qual terminou em honroso terceiro lugar, e, em meados de 2011, era especulado como alternativa viável à quebra da polarização entre PT e PSDB. Segundo o *Estado*, no final daquele ano, ele aparecia em primeiro lugar nas pesquisas e foi entrevistado pelo jornal⁷. Russomano⁸ começou a ser popular na segunda metade da década de 1980, quando conduzia programas noturnos na televisão sobre festas e carnavais de celebridades. Em 1991, estourou na televisão comandando um quadro no programa *Aqui, Agora!* do SBT, pioneiro no segmento policial sensacionalista, em que mediava reclamações de consumidores. O sucesso e popularidade junto às classes D e E, fez o PSDB convidá-lo a ser candidato a deputado federal em 1994, quando foi o mais votado do Brasil⁹. Sua atuação parlamentar sempre foi pautada na defesa do consumidor. Paralelamente, mantinha programas televisivos sobre essa temática, passando por várias emissoras de televisão. Em 1997, ingressou no PPB (atual PP) de Paulo Maluf, de quem foi fiel escudeiro nos anos seguintes e se reelegeu deputado em todas as legislaturas. Apenas em 2011 é que ingressa no PRB para ser o candidato do partido ligado à Igreja Universal do Reino de Deus do bispo Edir Macedo, também proprietário da *Rede Record*¹⁰.

Sua candidatura esteve ameaçada quando o PRB aceitou ingressar no governo da presidenta Dilma Rousseff (PT) pelo Ministério da Pesca entregue ao bispo Marcelo Crivela, da Igreja Universal. O *Estado* publicou que este movimento político visava forçar o PRB a aderir à candidatura petista em São Paulo, ou pelo menos “blindar Haddad de ataque evangélico”. Paralela a estas movimentações, o PTB era cortejado tanto pelo PSDB como pelo PT para compor chapa e entregar seus preciosos segundos de tempo de televisão. O partido janista, entretanto, aderiu ao líder das pesquisas e indicou para vice de Russomano o nome de Luiz Flávio D’urso, respeitado advogado criminalista e ex-presidente da OAB no estado entre 2004-2012. Assim, formou-se a coligação “Democracia Cristã”, a qual contou ainda com os nanicos partidos PTN, PHS, PRP e PTdoB.

No PT, a escolha por Fernando Haddad, então ministro da Educação, foi uma imposição pessoal do ex-presidente Lula da Silva. Em 2011, havia 4 pré-candidatos no partido¹¹. A ex-prefeita Marta Suplicy (2000-04), derrotada nas municipais de 2004 e 2008, se colocava como a

⁶ Jornal *OESP* de 28/08/2012, p. A11 e 07/10/2012, p. H9.

⁷ Jornal *OESP* de 18/12/2011, p. A17.

⁸ No início dos anos 1980 chegou a trabalhar no gabinete presidencial do ditador João Figueiredo em São Paulo e depois no Detran paulistano assolado por corrupção. Em 1985 se filiou ao PFL (atual DEM).

⁹ Jornal *OESP* de 07/10/2012, p. H7.

¹⁰ Jornal *OESP* de 07/10/2012, p. H7.

¹¹ Os deputados federais Jilmar Tatto e Carlos Zarattini e os senadores Eduardo Suplicy e Marta Suplicy

principal postulante à vaga do partido, mas, segundo as pesquisas, possuía rejeição de 30% do eleitorado. No final do ano, o ex-presidente Lula interveio na disputa, impôs o nome de Haddad, sepultou a expectativa por prévias e desagradou a senadora¹². O *Estadão* escreveu que “Haddad é a aposta de Lula para o PT pós-mensalão. Para o ex-presidente, o ‘bonitinho, são-paulino e uspiano’ areja imagem do partido e pode conquistar a classe média”¹³. A avaliação do periódico é correta. Embora filiado ao PT desde 1983, o professor e doutor em filosofia nunca havia disputado uma eleição. Além de ministro da Educação de 2005 a 2012, foi assessor no ministério do Planejamento de Lula e da secretaria de finanças de Marta Suplicy em São Paulo. Lula repetiu com Haddad a aposta que fez com Dilma Rousseff em 2010 e até mesmo com Marta Suplicy em 1998 na capital.

Em editorial, o *OESP* mostrou preocupação com a entrada de Haddad na eleição paulistana. O jornal alarmou que este era o primeiro passo para a “imposição da hegemonia do Partido dos Trabalhadores” no estado. Apesar do desconhecimento da maior da população sobre o candidato e sua inexperiência nas urnas, nos argumentos do periódico, o exemplo da vitória de Dilma em 2010 era mais que suficiente para saber que Haddad se colocaria na campanha como o “escolhido pelo Grande Chefe” e, por isso, teria grande chance de vitória. Então, o jornal direcionou seus alertas para o PSDB que ainda tinha “enorme dificuldade para articular uma candidatura competitiva” para, ao final do editorial, dobrar o tom alarmista: a vitória do PT na prefeitura paulistana significaria uma ameaça à alternância de poder no âmbito federal, o que, na cosmovisão do periódico, seria um golpe na democracia brasileira. Por isso, conclamou: “se existe oposição no País, está na hora de seus líderes pensarem seriamente nisso. E agir”¹⁴.

Recuperado de um câncer na laringe, o ex-presidente Lula é quem dirigiu as negociações com outros partidos para compor chapa com o PT. Lula tentou convencer Temer a indicar Chalita para a vice, mas sem sucesso. Outros partidos da base aliada no plano federal foram cortejados. O PTB era rebelde desde o escândalo do mensalão e o PR estava irritado com a recente demissão de seu ministro dos Transportes por Dilma. Lula conseguiu um importante acordo com o PSB nacional dirigido por Eduardo Campos: retirou candidatos petistas em algumas capitais, aderindo aos pessebistas em troca do apoio a Fernando Haddad em São Paulo¹⁵.

A ex-prefeita petista e então deputada federal Luiz Erundina (PSB) foi anunciada como candidata a vice de Haddad. Os dois estiveram juntos no lançamento da chapa. A aposta era que a ex-prefeita aproximasse Haddad dos eleitores da periferia paulistana. Porém, no mesmo dia, o PT anunciou a adesão do PP de Paulo Maluf à chapa, o que daria a Haddad o maior tempo de propaganda eleitoral. Erundina se mostrou decepcionada, disse estar “desconfortável” com a presença do histórico adversário político no mesmo palanque¹⁶. Em 19 de junho, uma foto estampada na capa de todos os jornais do país gerou grande crise na chapa Haddad-Erundina.

¹² Jornal *OESP* de 12/11/2011, p. A4.

¹³ Jornal *OESP* de 07/10/2012, p. H8.

¹⁴ Jornal *OESP* de 29/01/2012, p. A3

¹⁵ Jornal *OESP* de 16/06/2012, p. A4.

¹⁶ Jornal *OESP* de 16/06/2012, p. A4, 17/06/2012, p. A11 e 18/06/2012, p. A6.

Para sacramentar a adesão do PP, o deputado Paulo Maluf recebeu a cúpula petista em sua mansão e fez questão de levá-los até o jardim, onde, com Lula e Haddad, foram fotografados aos sorrisos e apertos de mão¹⁷. A consequência imediata foi a desistência de Luiza Erundina de concorrer à vice. O PSB ainda tentou demovê-la, mas a vaga acabou com Nádia Campeão, presidente municipal do PCdoB. Formou-se a chapa “Para mudar e renovar São Paulo”, que contava ainda com PP e PSB.

Além de Lula, outro histórico desafeto político do *Estadão* é Paulo Maluf. O acordo político entre ambos a favor de Haddad mereceu dois editoriais críticos. O jornal chamou de “vingança maligna de Maluf” a “obscena confraternização” de abraços e fotos em seu jardim diante de um Lula risonho e Haddad “cara de tacho”. Além de enfatizar o histórico corrupto de Maluf e as qualificações que Lula fez dele no passado: “ave de rapina” e “símbolo da pouca-vergonha nacional”. O jornal lamentou que tudo se deu com o único objetivo de acrescentar tempo de televisão ao candidato, assim como fez o PSDB ao se aliar com o mensaleiro Valdemar Costa Neto do PR¹⁸.

Concomitante a estes movimentos, a senadora Marta Suplicy seguia resistindo em aderir à campanha petista. Ainda magoada, a ex-prefeita chegou a fazer declarações provocativas. Diante da dificuldade inicial de Haddad nas pesquisas de intenção de votos, muito por conta do desconhecimento da periferia sobre ele, Marta sugeriu ao candidato “gastar sola de sapato”. O clima no PT não era dos melhores. O presidente do PT no estado, Edinho Silva, deu entrevista ao *Estadão* criticando o “grave erro [de Marta] quando o PT mais precisa dela”. Marta somente foi às ruas com Haddad no mês de setembro, quando também assumiu o Ministério da Cultura da presidenta Dilma¹⁹.

No PSDB, a terceira derrota seguida para o PT em eleições presidenciais causou grande divisão interna no partido. Ao longo de todo o ano de 2011, os tucanos paulistas, ligados ao presidenciável derrotado José Serra e ao governador Geraldo Alckmin, disputavam o controle da sigla com os tucanos mineiros e de outros estados em torno do senador Aécio Neves. Os três mediam forças para controlar o partido e assim viabilizar-se como candidato à eleição presidencial de 2014. Aécio era o favorito e preferido pelo *OESP*.

José Serra parecia não ter digerido bem a derrota presidencial de 2010 para a estreante Dilma Rousseff. Ele se movia nos bastidores do PSDB para ser novamente o candidato do partido em 2014, ou mesmo flertava com outras siglas para viabilizar-se. Internamente, tais movimentos de Serra desagravam a cúpula do PSDB. Tanto Aécio quanto Alckmin insistiam para que Serra fosse o candidato do partido à prefeitura. Enquanto os principais adversários pela prefeitura paulista já faziam pré-campanha, no começo de 2012 o PSDB ainda não tinha seu nome definido.

¹⁷ Jornal *OESP* de 19/06/2012, p. A1 e A4, 20/06/2012, p. A1 e A4, 21/06/2012, p. A6 e 29/06/2012, p. A12.

¹⁸ Jornal *OESP* de 19/06/2012, p. A3 e 20/06/2012, p. A3.

¹⁹ Jornal *OESP* de 24/02/2012, p. A6, 29/03/2012, p. A4, 04/06/2012, p. A6 e 12/09/2012, p. A4.

No final de janeiro, Serra comunicou ao PSDB que não disputaria a prefeitura. Com isso, deixou claro que continuaria perseguindo o sonho de concorrer à presidência em 2014²⁰.

O PSDB paulistano marcou prévias para 04 de março para escolher seu candidato. Os pré-candidatos: os secretários estaduais Andrea Matarazzo, Bruno Covas, José Aníbal e o deputado federal Ricardo Trópoli²¹. A ausência de Serra na disputa empurrava o PSD, novo partido criado pelo então prefeito Gilberto Kassab, apadrinhado político de Serra, para uma aliança nacional com o PT. Este fato fez o PSDB, em especial o governador Alckmin, pressionar ainda mais para Serra ser o candidato do partido²². Segundo noticiou o *Estadão*, o governador fez reuniões diárias na sede do governo estadual para convencer Serra. No final de fevereiro, a menos de uma semana para a prévia tucana, José Serra admitiu a realidade: seu nome estava descartado para a presidencial de 2014 e então aceitou disputar as prévias do partido²³.

A primeira consequência desta decisão foi a reaproximação do prefeito Kassab ao PSDB, mas havia o problema da proximidade iminente das prévias. Segundo o *OESP*, com a entrada de Serra, o partido rachou ainda mais, as prévias foram adiadas para 25 de março, para irritação dos pré-candidatos. Quem gostou mesmo do anúncio foi o senador Aécio Neves, que passou a ter caminho livre para comandar nacionalmente o partido e se cacifar a eleição presidencial²⁴. Em editorial, o *Estadão* comemorou a entrada de Serra, colunista quinzenal do periódico, por ver nele “o único capaz de disputar o pleito municipal contra Lula” e assim federalizar a eleição local ao reanimar a oposição “ao lulopetismo no comando dos destinos nacionais”²⁵.

Em suas primeiras entrevistas como pré-candidato, Serra falou em federalizar a disputa local para debater “duas visões distintas de Brasil”, uma vez que seu sonho de ser presidente estaria apenas “adormecido”. O peemedebista Gabriel Chalita ironizou: “Serra entra na eleição para disputar o terceiro turno [...] ele deixou claro muitas vezes que não quer ser prefeito, quer ser presidente”. O tucano admitia que pesaria contra ele o fato de ter renunciado à prefeitura da capital em 2006 para disputar o governo estadual²⁶.

No começo de março, uma pesquisa Datafolha colocou Serra com 30% das intenções de voto, seguido por Russomano 19%. Gabriel Chalita tinha 7% e Fernando Haddad ainda patinava nos 3%. Na avaliação do colunista José Toledo, a pesquisa praticamente sepultava as chances dos demais pré-candidatos do PSDB. Em outra reportagem do jornal, o principal desafio de Serra na eleição seria manter o eleitorado fiel ao PSDB na capital: a “cidadela serrista” era composta pelas regiões “mais ricas e quase todos os bairros de classe média da cidade”, mas havia o desafio de “chegar à periferia”²⁷.

²⁰ Jornal *OESP* de 19/01/2012, p. A4.

²¹ Jornal *OESP* de 23/01/2012, p. A6.

²² Jornal *OESP* de 15/02/2012, p. A4.

²³ Jornal *OESP* de 25/02/2012, p. A4 e 26/02/2012, p. A8.

²⁴ Jornal *OESP* de 29/02/2012, p. A4, 01/03/2012, p. A8 e 02/04/2012, p. A8.

²⁵ Jornal *OESP* de 29/02/2012, p. A3.

²⁶ Jornal *OESP* de 29/02/2012, p. A4 e 01/03/2012, p. A8.

²⁷ Jornal *OESP* de 04/03/2012, p. A6, 05/03/2012, p. A6 e 25/03/2012, p. A4.

A entrada de Serra nas prévias levou à desistência de Andrea Matarazzo e Bruno Covas. Apesar da expectativa de vitória fácil para Serra, o resultado não foi o esperado e desejado por ele e pela cúpula do partido: obteve 52,1% dos votos, Aníbal ficou com 31,2% e Tripoli foi votado por 16,7%. O racha no partido era visível, mas os dirigentes o negaram em público e discursaram pela unidade e fortalecimento da candidatura²⁸. Em editorial, o *Estadão* avaliou que o partido saiu “duplamente mal” das prévias: primeiro, pelo processo tortuoso que começou com a disputa sobre quem tinha direito a voto e terminou com o adiamento da prévia para agradar os interesses de Serra; segundo, pelo resultado em si que “foi a proverbial vitória de Pirro”²⁹. A articulista Dora Kramer, conhecedora dos bastidores da política, escreveu no jornal que a entrada de Serra era vista como a maior chance de o PSDB impedir a vitória do PT na capital e reorganizar a oposição (DEM e PSD) em torno da sigla, mas a baixa votação dele nas prévias mostrou que internamente o partido esperava por renovação e uma derrota na eleição seria um “verdadeiro desastre”³⁰.

A escolha do candidato a vice aumentou o embate interno no PSDB. José Serra escolheu o ex-tucano Alexandre Schneider (PSD). Foi uma vitória do prefeito Gilberto Kassab, mas que, conforme reportagem do *Estadão*, “reavivou ressentimentos” entre os tucanos. Desde o ano anterior, quando criou o PSD, Kassab era figura pouco quista no PSDB e no DEM, partidos que perderam muitos vereadores, prefeitos e deputados para a nova sigla. O tucano José Aníbal chegou a dizer em entrevista ao jornal que “o PSD é o cupim do PSDB”³¹. Embora tortuoso, todo este movimento fez de José Serra o candidato governista na eleição. Seu slogan “Para São Paulo continuar avançando” mostra que ele se empenharia em defender a gestão do apadrinhado político “cuja aprovação entre os paulistanos está abaixo de 30%”³². A chapa contava ainda com apoio do DEM, PV e PR.

Russomano e Serra buscam o voto evangélico contra Haddad.

Sem dúvida, o grande tema desta eleição foi a aproximação de Russomano e Serra aos pastores de igrejas evangélicas em busca dos votos de seus rebanhos de fiéis. Conforme Censo do IBGE em 2010, à época o Brasil tinha cerca de 22% de evangélicos, algo em torno de 42 milhões de pessoas. Conforme compilação de dados do *Estadão*, em São Paulo eles eram 14,3% dos paulistanos, sendo a Igreja Assembleia de Deus a maior delas na capital. Em 2012 o jornal

²⁸ Jornal *OESP* de 25/03/2012, p. A4 e 26/03/2012, p. A4 e A6.

²⁹ Jornal *OESP* de 27/03/2012, p. A3.

³⁰ Jornal *OESP* de 26/02/2012, p. A8, 28/03/2012, p. A6 e 02/05/2012, p. A6.

³¹ Jornal *OESP* de 01/07/2012, p. A5 e 02/07/2012, p. A6.

³² Jornal *OESP* de 23/06/2012, p. A10.

estimava 2,4 milhões de evangélicos na capital paulista, pulverizados em diversas denominações, ante 6,5 mi de católicos³³.

O marco inicial da entrada evangélica na política foi a eleição para Assembleia Constituinte em 1986, que formou uma expressiva bancada de 33 parlamentares. Desde então, sempre foram atores importantes nas eleições seguintes. Já em 1989, atuaram em uníssono a favor de Fernando Collor contra o “comunismo ateu” de Lula e o PT. O bispo Edir Macedo declarou que “o Espírito Santo” o indicou o voto em Collor (GUILHERME, 2019, p. 203). Como mostra Andrea Dip (2018), a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), do bispo Macedo, criou, já no início dos anos 1990, um estruturado plano político para aproveitar o voto dos fiéis e eleger bispos e pastores da Iurd. Seu modelo se tornou referência para as demais denominações pentecostais e neopentecostais.

O recente livro de Gilberto Nascimento (2019) detalha o poder político da fé explorado pela Iurd. Do apoio ao PSDB em 1994 e 1998, a igreja deu uma guinada em 2002. Se aproximou do candidato Lula e emprestou o PL, liderado pelo bispo Carlos Rodrigues, para abrigar o empresário José Alencar e formar a chapa vitoriosa com o petista. Na mesma eleição, o bispo Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, foi eleito senador pelo Rio de Janeiro. A crise do mensalão atingiu o PL e então a Iurd fez seu movimento político mais ousado: criou um partido político. O Partido Republicano Brasileiro (PRB e atual Republicanos) é controlado pelo bispo Marcos Pereira, da Iurd.

O mesmo jornalista mostra que o bispo Edir Macedo publicou em livro a posição política da Iurd: “A obra destaca a importância de os fiéis participarem do poder e influenciar nas decisões. Anuncia que Deus tem um plano político para seguidores da Universal e os evangélicos aliados de Macedo: governar o Brasil”. Por isso, ele conclama que seus fiéis se engajem na mobilização política uma vez que “a potencialidade numérica dos evangélicos como eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo”, nas palavras do próprio bispo (NASCIMENTO, 2019, p. 282).

Enquanto o PRB é ligado a Iurd, o PSC é ligado à Assembleia de Deus. Porém, não se pode dizer que sejam exclusivos destas denominações religiosas ou mesmo que os políticos evangélicos atuem apenas nestes partidos. Como mostrou a pesquisa de Andrea Dip (2018), a bancada evangélica em 2016 no Congresso possuía 87 parlamentares pulverizados em praticamente todas as siglas partidárias, mas com ampla preferência por partidos de centro-direita, sendo 18 do PRB e 9 no PSC. Por denominação religiosa, 30 eram da Assembleia de Deus e 12 da Iurd.

Embora tenha atuado a favor da candidatura presidencial de Dilma Rousseff em 2010 e conquistado um ministério para o sobrinho e bispo Crivella em 2012, fato é que o PRB, a Iurd e as demais Igrejas evangélicas com seus parlamentares começaram, sob o governo de Dilma, um processo de distanciamento do petismo. O que os motivou foi o reavivamento da pauta de

³³ Jornal *OESP* de 08/07/2012, p. A19 e 11/09/2012, p. A8.

costumes encampada pela bancada no parlamento, em oposição à pauta progressista defendida pela presidenta e o PT. Como mostra Dip, os temas morais unem os evangélicos que monitoram “projetos anticristãos” e se amalgamam às bancadas da bala e ruralista. Neste período, a direita parlamentar foi bem sucedida em convencer os deputados evangélicos de que o PT era “o grande vilão da imoralidade, da promiscuidade” (DIP, 2018, p. 57).

A Igreja Universal, seu braço político o PRB e seu braço midiático, a *Tv Record*, tinham um candidato oficial na eleição de São Paulo. Embora católico não praticante, Celso Russomano foi a primeira chance de o partido conquistar a prefeitura de uma grande cidade do país. Percebendo o movimento e sempre atento ao sobe e desce das pesquisas de intenção de voto, José Serra tentou aproveitar as disputas entre as denominações evangélicas e fragmentar uma possível unidade em torno do candidato do PRB. Nas páginas do *Estadão* há dezenas de reportagens sobre esta aproximação que, em certos momentos, chegou às raíças do caricato e cafona.

O *Estadão* repercutiu uma pesquisa Datafolha feita na Marcha Para Jesus, maior evento evangélico do país, em julho. Nele, 31% disseram votar com certeza no candidato indicado pelo pastor e outros 34% disseram que talvez fariam o mesmo. Em texto que discute os números, a pesquisadora Magali Cunha, embora defenda a hipótese de que o rebanho evangélico não é tão unânime como os pastores propagam, reconhece a tendência ao “voto de cabresto entre os evangélicos”, motivo pelo qual os candidatos se esforçam tanto para “pedir a benção a líderes e igrejas” e se submetem às suas pressões a cada eleição³⁴.

Antes mesmo da eleição, o comitê de José Serra criou um “Grupo Interdenominacional”. Em reuniões mensais, políticos e líderes evangélicos discutiam estratégias para intensificar a aproximação de Serra com o voto evangélico. No encontro acompanhado pelo *OESP*, trinta pastores oraram em louvor a Serra. A vereadora Marta Costa (PSD), ligada à Assembleia de Deus, discursou: “Finalmente vocês [políticos] estão enxergando que somos maiores que os diretórios de vocês. Estamos em todos os lugares”. Criticado, o candidato negou que faria da eleição uma batalha religiosa, mas defendeu a aproximação com as igrejas. Fato é que, como mancheteu o *Estadão*, “candidatos deflagram busca por igrejas”.³⁵

Junto ao prefeito Kassab, José Serra foi até a Igreja Mundial do Poder de Deus participar de um culto e receber a benção do apóstolo Valdemiro Santiago, que pediu aos fiéis que rezassem pelo candidato. Os políticos ainda “ouviram histórias de supostas curas milagrosas e viram Valdemiro pedir aos fiéis contribuição financeira para a igreja”. O tucano já havia recebido o apoio da Convenção Geral da Assembleia de Deus. Criticado, Serra defendeu a aproximação com o setor evangélico, estratégia que também era repetida pelos demais candidatos³⁶. Gabriel Chalita propagandeava o apoio da Assembleia de Deus do Brás (Ministério Madureira) e da Igreja Sara Nossa Terra. O peemedebista era próximo ainda da Renovação Católica Carismática e dos padres

³⁴ Jornal *OESP* de 29/07/2012, p. J3.

³⁵ Jornal *OESP* de 04/05/2012, p. A9, 04/06/2012, p. A7 e 08/08/2012, p. A10.

³⁶ Jornal *OESP* de 08/08/2012, p. A10, 09/08/2012, p. A11.

Reginaldo Rossi e Fábio de Melo³⁷. Celso Russomano recebeu a benção do missionário Josias Joaquim de Souza da igreja Sinos de Belém³⁸.

Conforme se depreende das reportagens do *OESP*, havia entre os líderes evangélicos da capital forte crítica ao então prefeito Gilberto Kassab por, supostamente, dificultar a abertura ou reformas dos templos religiosos na cidade. Em 2009, a prefeitura lacrou por 53 dias um templo da Mundial do Poder de Deus, no bairro do Brás, por falta de licenciamento. O bispo Valdemiro chegou a distribuir 15 mil panfletos, nos quais o prefeito aparecia com “chifres de diabo”. Durante a campanha, segundo o *Estadão*, a prefeitura foi acusada de facilitar a liberação de alvarás para construção e reforma de templos evangélicos. O objetivo era fragmentar a adesão evangélica a Russomano e atrair apoio a José Serra³⁹.

Russomano foi até a igreja Assembleia de Deus (Ministério Santo Amaro), subiu ao púlpito, recebeu apoio de 500 pastores da denominação e ouviu o líder Renato Galdino criticar o “desprezo” que o prefeito Kassab direcionou as igrejas evangélicas. O candidato prometeu que se fosse eleito, as igrejas teriam melhor atendimento da prefeitura e o pastor/presidente do PRB estadual, Vinicius Carvalho, discursou: “É momento de colocarmos para governar a cidade uma pessoa temente a Deus”⁴⁰.

Este mesmo ramo da Assembleia de Deus ainda daria outras polêmicas ao candidato Russomano. Segundo o jornal, a igreja impôs aos seus pastores uma “meta de votos para eleger Russomano”. A estimativa era de 82 mil fiéis “convocados a unir-se ao exército de caçadores de votos”. A própria igreja produziu e imprimiu 1,2 milhões de cópias de uma “Carta Aberta aos Cristãos”, na qual o pastor Marcos Galdino apontava os motivos para votar em Russomano, além de 25 mil adesivos para carros e veiculações em jornais e redes online da igreja. Russomano e seu vice estiveram em um lançamento de campanha na igreja, quando subiram no púlpito ao lado do Pastor Marcos Galdino. Na ocasião, houve pedidos de votos para Russomano, pois, segundo o pastor, “a Bíblia diz que quando o justo governa o povo se alegra. Entendemos que Deus quer curar essa cidade” e que o candidato do PRB é o único com “visão de curar a cidade”⁴¹.

Diante destes fatos, a reportagem do *Estadão* enfatizou que pedir votos ou fazer propagando eleitoral dentro de templos e igrejas é proibido pela lei eleitoral. Questionado, o advogado Luiz Flávio D’urso, candidato a vice e presidente licenciado da OAB-SP, preferiu o silêncio. Russomano agradeceu o apoio da igreja e dos pastores e se escusou, dizendo que o pedido de voto não partiu dele. O pastor Galdino reagiu dizendo que a igreja é particular, mantida sem dinheiro público e que pastor é pessoa física, com direito a se expressar como e onde quiser. O jornal ouviu o então advogado Augusto Aras que reafirmou a existência de crime eleitoral no ato realizado na igreja⁴².

³⁷ Jornal *OESP* de 08/08/2012, p. A10.

³⁸ Jornal *OESP* de 09/08/2012, p. A11.

³⁹ Jornal *OESP* de 20/08/2012, p. A7.

⁴⁰ Jornal *OESP* de 20/08/2012, p. A7.

⁴¹ Jornal *OESP* de 07/09/2012, p. A4 e 08/09/2012, p. A4.

⁴² Jornal *OESP* de 07/09/2012, p. A4 e 08/09/2012, p. A4.

Na prática, as igrejas eram usadas por Russomano como comitês informais da candidatura. Boa parte das igrejas evangélicas estão concentradas em zonas periféricas que, historicamente, deram mais votos a candidatos do PT em São Paulo. Como se vê na Tabela 3, Russomano liderou na “zona petista” ao longo de grande parte da campanha. O *Estadão* publicou falas de moradores desta região que se diziam eleitores do PT, mas que iriam “votar em um dos nossos” porque “o pastor está falando”. O PT avaliava, corretamente, que foi o debate religioso que causou a queda de Dilma nas pesquisas do 1º turno de 2010 e temiam a repetição com Haddad⁴³.

Segundo estimativa do *OESP*, entre as principais denominações evangélicas, apenas a Igreja Universal tinha apoio fechado com o candidato Russomano. A Igreja Mundial estava dividida entre o candidato do PRB e do PSDB. Já na Assembleia de Deus, a maior denominação evangélica na capital, o Ministério de Santo Amaro estava fechado com Russomano, enquanto outros líderes se dividiam entre Serra e Chalita. A Igreja Renascer chegou a ser disputada entre Serra e o Russomano, mas acabou fechando apoio irrestrito ao candidato do PRB. Serra divulgou, ainda adesão da Igreja do Evangelho Quadrangular e da Igreja O Brasil Para Cristo e esteve também em missa do padre Marcelo Rossi⁴⁴.

A desenvoltura das lideranças evangélicas e a constante liderança de Russomano nas pesquisas fez a Arquidiocese da Igreja Católica de São Paulo reagir. Em nota, d. Odílio Scherer levantou dúvidas sobre a conduta do PRB e as igrejas na campanha: “se já fomentam a discórdia, ataques e ofensas sem o poder, o que esperar se o conquistarem?”. A nota rebatia um texto publicado no ano anterior pelo pastor Marcos Pereira, presidente nacional do PRB, que acusava a Igreja Católica de controlar os governos e impor a catequização católica nas escolas. A CNBB reforçou que “não se pode instrumentalizar a religião para angariar votos”. Pereira se justificou dizendo que o texto era antigo. José Serra e Fernando Haddad logo vieram a público defender as posições da Igreja Católica. O petista foi o mais enfático: falou em doutrinação e guerra religiosa promovida pelos pastores e lembrou que o Estado é laico e deve combater a intolerância⁴⁵.

Líder nas pesquisas, Russomano preferiu não responder diretamente às críticas da Igreja Católica. Disse apenas que era mais um dos ataques dos adversários da campanha e reforçou que, se eleito, seria ele o governante de São Paulo e não a Igreja Universal. Como a polêmica não arrefeceu, o candidato tentou uma reunião com d. Odílio. Era semana de um debate entre candidatos promovido pela Arquidiocese. Russomano não compareceu e foi alvo de críticas dos candidatos e de d. Odílio. O encontro com o líder católico aconteceu dias depois e o candidato tentou desfazer o clima de guerra religiosa. Em evento de rua, Russomano foi cobrado por uma

⁴³ Jornal *OESP* de 10/09/2012, p. A4 e 14/09/2012, p. A6.

⁴⁴ Jornal *OESP* de 07/09/2012, p. A4, 11/09/2012, p. A8, 12/09/2012, p. A8 e 29/09/2012, p. A8.

⁴⁵ Jornal *OESP* de 14/09/2012, p. A6 e 15/09/2012, p. A4 e A6.

eleitora que se dizia católica: “você vendeu sua alma ao diabo. O Edir Macedo está por trás de sua campanha. E pare de agredir a minha igreja”⁴⁶.

Em nítido sinal de contra-ataque, a Igreja Universal dobrou a aposta e foi a campo pelo seu candidato. Com Russomano pressionado em várias frentes e em queda nas pesquisas, a *Tv Record* cancelou o debate previsto. Os adversários acusaram a emissora do bispo Edir Macedo de “evitar a exposição do candidato do PRB”. Às vésperas da votação, o bispo Edir Macedo publicou em suas redes sociais um texto apócrifo em que acusa Haddad de “defender o homossexualismo” e uma vez eleito, teria seu primeiro ato a distribuição de um “kit gay” nas escolas para “estimular as crianças a viver em pecado”.

O fato de o PRB ser ligado à Igreja Universal foi explorado pejorativamente pelos adversários de Russomano na campanha. O candidato chegou a dizer que sequer conhecia pessoalmente o bispo Edir Macedo⁴⁷. Perguntado sobre o rótulo de “candidato evangélico”, Russomano se disse o “candidato de todas as igrejas” e que “se tivesse uma igreja em cada quarteirão [de São Paulo], existiria uma sociedade mais justa”⁴⁸.

Às vésperas do primeiro turno, mais um bispo evangélico entrou em cena. Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Missão em Cristo, que já havia sido figura polêmica na eleição de 2010, ao acusar a candidata Dilma de ser pró-aborto. E Malafaia atacou o PT novamente, disse que Fernando Haddad seria o “criador do kit gay” para “ensinar homossexualismo” às crianças e pediu que os fiéis de sua igreja votassem em José Serra⁴⁹.

Em dois editoriais, o *Estadão* se posicionou sobre a mistura de religião com política. No primeiro, criticou as recentes ações da prefeitura e de Kassab para facilitar alvarás às igrejas, um “favorecimento com clara motivação eleitoral” e que “nada tem a ver com liberdade religiosa”. No segundo texto, foi mais incisivo. Reclamou da crescente “contaminação das campanhas eleitorais no País pela disputa religiosa”, o que “conspira contra o fundamento constitucional do Estado laico”. O alvo principal deste editorial foi o candidato Russomano e seu partido “comandado por uma igreja”. Interessante que, embora o candidato José Serra também fizesse uso eleitoral da religião, ele não é citado ou criticado em momento algum dos dois editoriais⁵⁰.

A desconstrução de Russomano:

O sempre candidato José Serra tinha a preferência nas pesquisas de intenção de voto antes do início da campanha, muito devido ao eterno recall e ao grande conhecimento da população sobre ele. Porém, as mesmas pesquisas colocavam o ex-prefeito como o mais rejeitado pelos eleitores. Assim, no final de agosto (ver tabela 1), o candidato Celso Russomano já liderava

⁴⁶ Jornal *OESP* de 15/09/2012, p. A6, 17/09/2012, p. A6, 18/09/2012, p. A12, 20/09/2012, p. A8, 21/09/2012, p. A12, 23/09/2012, p. A8 e 26/09/2012, p. A10.

⁴⁷ Jornal *OESP* de 27/09/2012, p. A9 e 04/10/2012, p. A13.

⁴⁸ Jornal *OESP* de 23/08/2012, p. A13.

⁴⁹ Jornal *OESP* de 02/10/2012, p. A5.

⁵⁰ Jornal *OESP* de 02/09/2012, p. A3 e 19/09/2012, p. A3.

com folga a disputa, José Serra caía vertiginosamente nas pesquisas e passou a ser pressionado pelo crescimento do petista Fernando Haddad.

Tabela 1 – intenções de voto segundo pesquisa Ibope.

	Russomano	Serra	Haddad	Chalita	Soninha	Paulinho
07/mai	16%	31%	3%	6%	7%	5%
01/ago	25%	26%	6%	6%	7%	5%
15/ago	26%	26%	9%	5%	5%	5%
30/ago	31%	20%	16%	5%	4%	1%

Fonte: OESP 31/08/2012, p. A9.

Ante estas pesquisas, Russomano passou a ser o alvo das principais críticas dos adversários e teve sua vida pregressa investigada pelo *Estado*, que se colocava em campanha a favor de José Serra, como sempre fez nas eleições anteriores. O noticiário foi tomado de denúncias de improbidades do deputado Russomano, ligações com políticos condenados por corrupção e crimes eleitorais. O candidato admitiu que a liderança e seu curto tempo de televisão faria sua campanha ser mais difícil⁵¹.

Em agosto, seu nome esteve envolvido em escutas da Polícia Federal em operação contra o contraventor Carlinhos Cachoeira. O candidato negou qualquer relação⁵². O *Estado* requentou uma notícia de 2008 que ficou conhecida como a “farra das passagens”, que tratava de parlamentares que aproveitavam a cota de passagens aéreas para viajar com a família ao exterior. O candidato se defendeu argumentando que, à época, tal prática não era proibida pela Câmara⁵³. José Serra, em queda nas pesquisas, contratou 580 pessoas para visitarem casas em bairros paulistanos para falar mal do adversário do PRB⁵⁴.

O mês de setembro foi sem dúvida de completo cerco e desconstrução de Russomano. Muitas denúncias apareceram no *OESP*, deram manchetes, mas não prosperaram e logo foram substituídas por outras denúncias. O objetivo principal era desgastar a imagem do candidato do PRB. O Ministério Público pediu quebra do sigilo fiscal de uma empresa do candidato. A suspeita era que uma funcionária da empresa fosse paga com verba de gabinete entre 1997-2000⁵⁵. No dia seguinte, o *Estado* publicou um documento da companhia de eletricidade de São Paulo, mostrando ausência de consumo de energia em apartamento que Russomano alegou morar quando mudou seu domicílio eleitoral para Santo André, a fim de concorrer à prefeitura daquele município em 2000⁵⁶.

Acompanhando a agenda do candidato, repórteres do jornal perceberam que ele distribuía aos eleitores, junto aos santinhos eleitorais, um cartão de sua ONG que presta serviços de defesa do consumidor. O Ministério Público Eleitoral foi acionado e abriu procedimento por

⁵¹ Jornal *OESP* de 23/08/2012, p. A13.

⁵² Jornal *OESP* de 01/08/2012, p. A4.

⁵³ Jornal *OESP* de 13/08/2012, p. A7.

⁵⁴ Jornal *OESP* de 26/08/2012, p. A10.

⁵⁵ Jornal *OESP* de 01/09/2012, p. A8.

⁵⁶ Jornal *OESP* de 02/09/2012, p. A10.

compra de votos. O candidato defendeu a prática⁵⁷. Em outra investigação, o *Estadão* denunciou que o candidato era sócio fantasma de um bar em Brasília⁵⁸. Às vésperas da votação, outro revés jurídico: Russomano foi condenado a pagar indenização por não ter cumprido a promessa de tratamento médico feita a uma criança de 8 anos e de emprego aos seus pais, em seu programa de televisão na *RedeTV*, em 2003. O candidato se defendeu dizendo que a responsabilidade era do canal de televisão, pois ele era apenas o apresentador⁵⁹.

Em tom de denúncia, o *Estadão* relacionou os homens por trás da campanha do candidato do PRB: “Russomano reabilita ícones de escândalo: a base de Pitta em ação”. Na campanha do candidato, além da liderança dos políticos do partido ligados à Igreja Universal, ex-vereadores ligados e condenados pela máfia dos fiscais do governo Celso Pitta (1997-2000) tinham influência. Levados pelo PTB, nomes como José Izar e Vicente Viscome, além do “gerentão de Pitta”, o deputado Arnaldo Faria de Sá. Em sua defesa, o candidato negou que eles tivessem qualquer influência em sua campanha⁶⁰.

No plano do debate de ideias e propostas de governo, Russomano também sofreu. O *Estadão* descobriu que o plano de governo apresentado pelo PRB era assinado por um “laranja”. Carlos Baltazar se chamava na verdade Carlos Joaquim, assistente de gestão da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. Seu comitê passou então a buscar uma pessoa de renome para assinar o plano como coordenador, mas sem sucesso. Além disso, o plano recebeu críticas por “reproduzir uma série de propostas genéricas”. Serra e Haddad chamaram o plano de “fictício”⁶¹. Em ao menos duas oportunidades, o candidato teve que recuar ou se explicar por promessas feitas. Recuou da promessa feita a empresários de rever todos os contratos terceirizados da prefeitura e se disse mal interpretado. Aos taxistas, teve que explicar como baixaria a tarifa das viagens⁶².

Em sua entrevista ao *OESP*, Russomano fez uma das propostas mais polêmicas e teve que passar o resto da campanha se justificando sobre ela: dar aos guardas noturnos de empresas e prédios particulares, um uniforme e rádios comunicadores com a polícia para assim, atuarem na segurança da capital. Também prometeu colocar a Guarda Municipal dentro das escolas, o que foi rechaçado por educadores. Outra proposta que lhe rendeu críticas foi da tarifa de transporte público com valor proporcional à distância percorrida pelo usuário, considerada tecnicamente irrealizável e/ou que puniria os moradores das periferias que precisavam se deslocar diariamente para o centro da cidade⁶³.

O primeiro a atacar no programa eleitoral foi José Serra. A estratégia foi desqualificar as propostas do candidato do PRB por serem ilógicas e irrealistas. Uma peça de propaganda o

⁵⁷ Jornal *OESP* de 09/09/2012, p. A8 e 10/09/2012, p. A4.

⁵⁸ Jornal *OESP* de 14/09/2012, p. A6.

⁵⁹ Jornal *OESP* de 04/10/2012, p. A12 e 05/10/2012, p. A8.

⁶⁰ Jornal *OESP* de 16/09/2012, p. A8, 02/10/2012, p. A6 e 03/10/2012, p. A6.

⁶¹ Jornal *OESP* de 27/09/2012, p. A4 e 28/09/2012, p. A15.

⁶² Jornal *OESP* de 13/09/2012, p. A4, 14/09/2012, p. A6 e 20/09/2012, p. A10.

⁶³ Jornal *OESP* de 30/08/2012, p. A10 e 08/09/2012, p. A7.

colocava como o candidato da falação, do cumprimento, do beijo e abraço nos eleitores, mas que só enrolava e não explicava suas propostas. Dias depois, o próprio Serra disse que o adversário representaria um “risco de colapso” no município. O senador Aloysio Nunes (PSDB) divulgou em sua rede social um polêmico vídeo em que o então jovem apresentador de televisão Russomano aparece apalpando o seio de uma mulher durante cobertura do carnaval de 1990, pela *TV Gazeta*. Às vésperas da votação, o comitê de Serra reuniu dezenas de denúncias publicadas na imprensa contra o adversário e distribuiu 50 mil panfletos via Correios⁶⁴.

O candidato Haddad se dedicou mais a contrapor-se ao PSDB. Apenas nas últimas semanas de campanha, com Russomano em queda nas pesquisas e tentando recuperar votos em redutos tradicionalmente petistas é que Haddad se dedicou mais ao candidato do PRB. O adversário foi criticado pela inexperiência administrativa e a falta de propostas apresentadas na campanha. No debate da *TV Gazeta*, Haddad escolheu confrontar Russomano com suas perguntas. Gabriel Chalita comparou o adversário ao ex-prefeito Celso Pitta⁶⁵.

Tabela 2 – intenções de voto segundo pesquisa Ibope.

	Russomano	Serra	Haddad	Chalita	Soninha
12/set	35%	19%	15%	6%	4%
24/set	34%	17%	18%	7%	4%
01/out	27%	19%	18%	10%	4%
06/out	22%	22%	22%	11%	4%

Fonte: OESP 07/10/2012, p. H3.

Essa intensa sequencia deu resultado. Russomano caiu vertiginosamente nas pesquisas de intenção de voto (ver Tabela 2). Na última semana, mensagens foram enviadas a milhares de celulares com a seguinte informação: “Obrigado pelo apoio ao Russomanno prefeito. Vamos vencer em SP. Vamos vencer no Brasil. Edir Macedo Igreja Universal”. A coordenação de campanha do candidato negou a autoria das mensagens e a atribuiu aos adversários em mais uma tentativa de desgastá-lo. Na sexta-feira, véspera da votação, o comitê do PRB disparou 1,5 mi de telefonemas e distribuiu 5 milhões de panfletos na tentativa de estancar a sangria nas pesquisas⁶⁶. Sem resultado, pois o Ibope da véspera da eleição deu empate triplo entre os três principais candidatos.

A busca pelo voto em uma São Paulo dividida:

Ao longo da campanha, o Ibope e o *Estadão* dividiram a cidade de São Paulo em três zonas, de acordo com o histórico de votos pró ou contra o Partido dos Trabalhadores: a “zona antipetista” compreendia todo o centro expandido da capital, tem maioria populacional branca e mais velha e forma 50% do eleitorado; a “zona petista” compreende as periferias ao sul, leste e

⁶⁴ Jornal *OESP* de 05/09/2012, p. A6, 12/09/2012, p. A8, 20/09/2012, p. A10, 02/10/2012, p. A7 e 05/10/2012, p. A8.

⁶⁵ Jornal *OESP* de 22/09/2012, p. A6, 23/09/2012, p. A6, 24/09/2012, p. A7 e 25/09/2012, p. A10.

⁶⁶ Jornal *OESP* de 28/09/2012, p. A15 e 05/10/2012, p. A8.

norte da capital, com moradores mais jovens, maior concentração de pretos e pardos, renda média 2,5 vezes menor que na zona anti-PT e era formada por 41% do eleitorado; a “zona volúvel” alterna votos contra e a favor de candidatos do PT, concentra apenas 9% do eleitorado e era formada por regiões achatadas entre as duas zonas anteriores⁶⁷.

Como se vê pela Tabela 3, e em consonância com as tabelas 1 e 2, o candidato Russomano surfou tranquilo na rejeição a Serra e ao PT em seus próprios redutos. Ao longo do mês de setembro, quando liderava todas as pesquisas, o candidato do PRB vencia Serra na “zona antipetista” e venciam Haddad na “zona petista”. O grande dilema e foco de ambos os candidatos, era reverter essa tendência e recuperar o eleitorado que historicamente lhe era cativo. No caso da periferia, “zona petista”, o *Estadão* repercutiu que o candidato apoiado pela maioria das igrejas evangélicas aproveitava o vácuo eleitoral que o candidato uspiano do PT lutava para recuperar⁶⁸.

Tabela 3 – intenções de voto por regiões de São Paulo segundo pesquisa Ibope.

	Zona antipetista					Zona petista					Zona volúvel			
	PR B	PSD B	PT	PMDB		PR B	PSD B	PT	PMD B		PRB	PSD B	PT	PMD B
07/05	16%	35%	3%	n/d		14%	25%	3%	n/d		17%	34%	6%	n/d
02/08	24%	30%	5%	7%		26%	21%	7%	2%		26%	23%	6%	4%
15/08	23%	30%	8%	5%		30%	20%	11%	3%		30%	35%	2%	7%
30/08	27%	26%	12%	7%		38%	12%	20%	3%		31%	16%	23%	2%
24/09	30%	22%	19%	9%		39%	11%	17%	5%		38%	12%	18%	11%
02/10	24%	19%	15%	12%		30%	12%	21%	9%		35%	23%	20%	2%
06/10	20%	29%	16%	11%		24%	15%	31%	9%		29%	13%	23%	13%

Fonte: OESP 01/09/2012, p. A9 e 07/10/2012, p. H3.

Desde o início da campanha, a zona leste foi “a vedete dos candidatos” que prometiam reduzir impostos, melhorar o transporte e recuperar a região sempre carente de moradias e infraestrutura. O historiador Boris Fausto, eleitor confesso de Serra, argumentou para o jornal que os governos federais do PT promoveram uma grande expansão do consumo para as regiões periféricas, mas que o bônus político disso era, naquela eleição, aproveitado por um candidato que se colocava como defensor dos direitos dos consumidores em programas televisivos de forte apelo popular. Para Haddad, a entrada em cena, ainda que tardia, da ex-prefeita Marta Suplicy era considerada fundamental para reconquistar os votos na periferia⁶⁹.

Os debates promovidos pelas emissoras de televisão receberam amplas coberturas do *Estadão*. Porém, como tem sido a tônica nos últimos anos, a grande quantidade de candidatos e

⁶⁷ Jornal *OESP* de 12/08/2012, p. A14.

⁶⁸ Jornal *OESP* de 02/09/2012, p. A10 e 18/08/2012, p. A8

⁶⁹ Jornal *OESP* de 11/08/2012, p. A9, 19/08/2012, p. A10 e 23/09/2012, p. A8.

os modelos engessados dos programas, a insistência dos participantes extremamente treinados para darem respostas vagas, pouco contribuem para o desenrolar da campanha. Neles, o que mais interessa para análise é quem cada candidato escolhe como alvo para polarizar nas perguntas. No geral, os debates foram uma reedição do embate PT x PSDB.

Os programas eleitorais na televisão e as micro inserções durante os comerciais da programação normal dos canais são as ferramentas de campanha que mais influenciam o eleitor. Sobre elas, o *Estadão* fez alguns levantamentos interessantes: Russomano foi quem mais fez críticas e ataques aos adversários (37,4% do tempo); Haddad usou mais seu tempo para apresentar propostas e promessas (29,4%), enquanto José Serra usou seu espaço para falar de sua trajetória e realizações políticas (56,2%). A palavra mais usada por Serra em suas falas foi “governador”, o que mostra a estratégia de tentar colar sua imagem ao aprovado Geraldo Alckmin; Haddad repetiu mais vezes a palavra “São Paulo”, enquanto Russomano insistia no “não”. O petista também foi o que mostrou maior vocabulário (1.001 palavras diferentes), enquanto Russomano foi o mais pobre (428 palavras diferentes)⁷⁰.

O ex-prefeito José Serra era o candidato mais rejeitado nas pesquisas. Na penúltima pesquisa antes da votação, 38% diziam não votar nele em hipótese alguma, contra 19% de rejeição a Haddad e 16% a Russomano. A rejeição o fez ser o candidato que menos teve compromissos públicos ao longo da campanha, indo às ruas apenas 66 vezes, contra 100 de Haddad e 125 de Russomano. Serra preferia o centro que lhe era receptível, enquanto Haddad percorreu vários bairros da periferia para mostrar à “zona petista” quem era o candidato do PT. Em outro levantamento sobre o foco das bandeiras levantados por cada candidato na campanha: Russomano era “o candidato da segurança”; Haddad “o candidato do transporte” e Serra se apresentava como “o candidato do ensino técnico”⁷¹.

PT x PSDB no 1 e 2 turnos:

Embora a campanha tenha transcorrido sob a inesperada liderança de um candidato ligado a uma ideia de terceira via, na prática, repetiu-se ao longo de toda a campanha a polarização PT x PSDB. Além da histórica rivalidade local recente entre os dois partidos, havia forte clima de “3º turno” da eleição presidencial de 2010. Embora nas últimas semanas Russomano caísse vertiginosamente nas pesquisas, Serra e Haddad consideravam o candidato do PRB já garantido no 2º turno e travaram uma guerra pela 2ª vaga. No último debate realizado na televisão, o *OESP* reportou que: “tanto o tucano como o petista tiveram chance de se manifestar sobre o adversário do PRB, mas preferiram criticar um ao outro, mantendo a estratégia adotada

⁷⁰ Jornal *OESP* de 09/09/2012, p. A6 e 01/10/2012, p. A6.

⁷¹ Jornal *OESP* de 30/09/2012, p. A6, 01/10/2012, p. A4 e 03/10/2012, p. A4.

no horário eleitoral e nos eventos de rua”. Esta disputa se refletiu nos tribunais eleitorais em que 73% das ações eram movidas um contra o outro⁷².

Ambos candidatos utilizaram de repetido pacotes argumentativos bem definidos: José Serra (PSDB) se apoiou na aprovação do governador Alckmin, usou o prestígio do ex-presidente FHC, tentou defender o impopular prefeito Kassab, explorou o julgamento do mensalão que tomava as capas de todos os jornais desde agosto, apelou para o discurso antipetista e para o moralismo do “kit gay”; Fernando Haddad se apoiou na aprovação à presidenta Dilma, usou o prestígio do ex-presidente Lula, se colocou como oposição ao prefeito Kassab e explorou a desaprovada renúncia de Serra à prefeitura da capital em 2006⁷³.

É necessário registrar que a gestão do prefeito Gilberto Kassab era desaprovada pelos paulistanos. Kassab foi eleito vice-prefeito na chapa com José Serra na eleição de 2004. Em 2006, assumiu a prefeitura após a renúncia de Serra para concorrer à eleição de governador. Foi reeleito em 2008. Em 2012, apenas 20% dos paulistanos consideravam sua gestão ótima/boa, enquanto para outros 44% ela era ruim/péssima⁷⁴. Todo este histórico, somado ao fato de ter um secretário municipal filiado ao partido do prefeito (PSD) como candidato a vice, fez de José Serra o candidato governista na eleição, o que pesou contra Serra, que sempre tinha Kassab à tiracolo nos eventos públicos e precisava defendê-lo em seu horário eleitoral.

Como se vê nas tabelas 2 e 3, o resultado deste embate é que José Serra foi progressivamente perdendo votos na cidade, mesmo em seu reduto “antipetista”, ao mesmo tempo que Haddad subiu nas pesquisas e reconquistou espaços na “zona petista”. Em absolutamente todas as simulações de segundo turno, Serra perdia tanto para Russomano quanto para Haddad⁷⁵. Desanimado, o ex-presidente FHC avaliou que o PSDB vivia “uma fadiga de material” a ser apresentado ao paulistano. O *Estadão* escalou um de seus articulistas para analisar a queda de seu candidato preferido. Demétrio Magnoli, em tom de lamento, preocupação e dica para o comitê da campanha, avaliou os motivos para a queda nas pesquisas: o apoio de Serra ao prefeito Kassab e a aversão do eleitorado a suas posições na campanha presidencial de 2010⁷⁶.

No domingo da votação, o *Estadão* chegou aos leitores com a manchete: “São Paulo chega ao primeiro turno com empate triplo”. Segundo pesquisa Ibope, todos os três candidatos tinham a mesma porcentagem nas intenções de voto. A leitura atenta dos gráficos, porém, indicavam que Russomano estava em queda, enquanto Serra e Haddad cresciam. A disputa naquele dia seria voto a voto. Sabendo desse cenário, no sábado, o jornal publicou seu tradicional editorial pedindo voto aos seus leitores. No texto “a hora do voto consciente”, o jornal faz críticas aos

⁷² Jornal *OESP* de 18/09/2012, p. A8, 19/09/2012, p. A4 e 27/09/2012, p. A6.

⁷³ Jornal *OESP* de 15/08/2012, p. A11, 17/08/2012, p. A9, 22/08/2012, p. A8, 23/08/2012, p. A12, 26/08/2012, p. A11, 31/08/2012, p. A10, 04/09/2012, p. A6, 05/09/2012, p. A5, 06/09/2012, p. A4, 08/09/2012, p. A5, 09/09/2012, p. A6, 11/09/2012, p. A9, 25/09/2012, p. A9, 29/09/2012, p. A8, 30/09/2012, p. A8, 01/10/2012, p. A4, 02/10/2012, p. A4.

⁷⁴ Jornal *OESP* de 18/09/2012, p. A12.

⁷⁵ Jornal *OESP* de 03/10/2012, p. A4.

⁷⁶ Jornal *OESP* de 02/09/2012, p. J3 e 07/09/2012, p. A5.

candidatos do PRB e do PT e sequer cita Serra e o PSDB. Para o leitor com a interpretação de texto em dia, a mensagem foi bem compreendida: o “voto consciente” era em José Serra⁷⁷.

Abertas as urnas, o resultado não surpreendeu: PSDB e PT fariam o segundo turno. José Serra obteve 30,75%; Fernando Haddad 28,98% e Celso Russomano 21,60%. Gabriel Chalita cresceu na reta final e recebeu 13,60% dos votos⁷⁸. Na divisão da cidade por zonas, José Serra conseguiu recuperar seus votos na zona antipetista e obteve 42%, contra 21% de Haddad e 18% de Russomano; na zona petista foi Haddad quem conseguiu recuperar seus votos e obteve 39% ante 27% de Russomano e 17% de José Serra⁷⁹.

No domingo de votação, a Igreja Universal ainda distribuiu santinhos de seu candidato na saída dos cultos, prática que configura crime eleitoral. O candidato Russomano já acusava o golpe das pesquisas. Abertas as urnas, com semblante abatido, acusou seus adversários: “foram ataques de todos os lados e todos os partidos, o que não é fácil. O problema é que a gente tinha pouco tempo de televisão. Outros partidos se uniram e nos bombardearam”⁸⁰. O *Estadão* foi atrás de ouvir eleitores que desistiram de votar no candidato. No geral, ouviu moradores de periferia que voltaram ao PT por não sentirem “firmeza” no candidato e por desconfiar de suas questionáveis promessas de campanha⁸¹.

Os apoios de segundo turno logo foram definidos. O PT até tentou conseguir adesão do PRB, que recém havia ganho um ministério no governo federal, e o PSDB também procurou o partido que integra a base do governador Alckmin no estado para que ficassem neutros. Ainda ressentido do tratamento recebido na campanha, o partido e Russomano declararam neutralidade e sugeriram que seus eleitores boicotassem o segundo turno. Chalita e o PMDB foram naturalmente engrossar a campanha de Haddad. Também com a mesma naturalidade, PTB, PPS e o PDT paulistano aderiram a Jose Serra⁸².

Sem seu “candidato oficial”, os grupos evangélicos todos se bandearam em apoio a José Serra. Logo na primeira semana, as igrejas que haviam aderido a Russomano, como a Universal, Renascer, Internacional da Graça de Deus e as demais alas da Assembleia de Deus, declararam apoio ao candidato do PSDB. Segundo o *Estadão*, “mais do que atrair votos, os pastores devem ser usados pela campanha tucana para ‘bater’ no candidato do PT sem que Serra tenha que fazê-lo. Entre os temas a serem explorados está o ‘kit gay’”. Após reunião com Serra, o pastor Silas Malafaia declarou à imprensa que iria “arrebentar o candidato petista”. José Serra prometeu aos líderes evangélicos que, se prefeito, agilizaria a concessão de alvarás para funcionamento, construção ou reforma dos templos⁸³. Fernando Haddad acusou o adversário de “instrumentalizar pastores” para atacar a sua honra, mesma tática fracassada usada por Serra na

⁷⁷ Jornal *OESP* de 06/10/2012, p. A3 e 07/10/2012, p. A1.

⁷⁸ Os demais candidatos: Soninha Francine 2,65%; Carlos Giannazi 1,02%, Paulinho da Força 0,63%, Levy Fidelix 0,32%, Ana Luiza 0,21%, Miguel Manso 0,12%, José Eymael 0,09% e Anaí Caproni 0,02%. Brancos 5,43% e nulos 7,35%.

⁷⁹ Jornal *OESP* de 08/10/2012, p. H2.

⁸⁰ Jornal *OESP* de 08/10/2012, p. H5 e H6.

⁸¹ Jornal *OESP* de 09/10/2012, p. A4.

⁸² Jornal *OESP* de 08/10/2012, p. H4, 09/10/2012, p. H1, 11/10/2012, p. A12 e 12/10/2012, p. A7.

⁸³ Jornal *OESP* de 11/10/2012, p. A14, 12/10/2012, p. A8 e 15/10/2012, p. A4.

presidencial de 2010 contra Dilma. Na última semana, quando as pesquisas indicavam tranquila vitória do petista, alguns líderes evangélicos foram mais pragmáticos e já procuraram o comitê de Haddad em busca de trégua e diálogo com o futuro prefeito da capital⁸⁴.

Como se vê na Tabela 4, José Serra esteve atrás nas pesquisas ao longo de todo o segundo turno. O candidato passou as três semanas tentando encontrar o tema ideal para atacar Haddad, desconstruir sua imagem e reverter as intenções de voto. A cada nova pesquisa Ibope, a campanha do PSDB percebia que a tática não funcionou e tentava alterar o enfoque, sempre sem sucesso. No domingo da votação, o *Estadão* resumiu assim a saga tucana: “A busca pelo ataque certo para virar o jogo: campanha de Serra passa 2º turno tentando achar ‘calcanhar de Aquiles’ do adversário”⁸⁵.

Tabela 4 – intenções de voto segundo pesquisa Ibope.

	Haddad - PT	Serra – PSDB
11/out	48%	37%
17/out	49%	33%
24/out	49%	36%
27/out	50%	35%

Fonte: OESP 28/10/2012, p. h3.

O tema da “corrupção do PT” foi a constante. Serra aproveitou o julgamento do mensalão naqueles dias, em especial a condenação do petista José Dirceu, para explorar o tema à exaustão. Em várias oportunidades, o candidato chegou a ligar Haddad diretamente a Dirceu, insinuando que uma vitória do candidato do PT faria o ex-ministro Dirceu voltar à cena política na capital. Até mesmo um panfleto com montagem de fotos que colocavam juntos o candidato Haddad e outros petistas condenados pelo STF foi distribuída pelo comitê serrista⁸⁶. Em entrevista, Haddad lembrou que “Serra tem ética seletiva” por só comentar os casos de improbidade dos adversários e silenciar sobre o tema quando este atinge seus aliados ou correligionários do PSDB. Dias depois, acusou a campanha do adversário de “promover o ódio” e de “mobilizar trevas como fez em 2010”⁸⁷. O tema da “moral antipetista” não rendeu crescimento do candidato nas pesquisas, mas com certeza reforçou o antipetismo dos eleitores já propensos.

Na entrevista que concedeu ao *Estadão*, José Serra voltou a insistir que o PT criou o “kit gay” para “doutrinar em vez de educar”. Dias depois, o candidato se irritou ao ser questionado sobre o fato de o governo estadual de São Paulo, governado pelo PSDB, ter produzido e distribuído às escolas uma cartilha similar. Argumentou que o kit paulista servia para o “fortalecimento da família”. Haddad respondeu que Serra usava de má-fé e mentiras na deturpação do kit produzido pelo MEC sob a gestão de Haddad. Até mesmo a cúpula do PSDB

⁸⁴ Jornal *OESP* de 11/10/2012, p. A14 e 23/10/2012, p. A12.

⁸⁵ Jornal *OESP* de 28/10/2012, p. H7.

⁸⁶ Jornal *OESP* de 09/10/2012, p. H3, 09/10/2012, p. A2, 10/10/2012, p. A1, 12/10/2012, p. A6, 13/10/2012, p. A4, 14/10/2012, p. A8 e 17/10/2012, p. A9.

⁸⁷ Jornal *OESP* de 09/10/2012, p. H3 e 13/10/2012, p. A4.

admitiu que a exploração exagerada do tema era prejudicial a Serra e ao partido, que ficariam com a imagem de políticos conservadores⁸⁸.

Pressionado pelos partidos e vereadores aliados, o Plano de Governo apresentado por Serra defendia a continuidade dos rumos do governo Kassab⁸⁹. Sua campanha chegou a fazer terrorismo eleitoral ao afirmar que o adversário Haddad, se eleito, acabaria com diversos programas da prefeitura, como o convênio com creches particulares e o sistema de Atendimento Médico Ambulatorial (AMA). O candidato a vice disse a funcionários destes programas que eles teriam de votar em Serra se quisessem que seus empregos fossem mantidos. Equipes do PSDB distribuíram panfletos com estas informações falsas em frente a vários AMA's. A prefeitura de São Paulo forneceu ilegalmente ao PSDB o telefone das famílias atendidas pelo programa Clube Escola, as quais receberam ligações do comitê de Serra afirmando que Haddad acabaria com o programa e que se quisessem manter seus filhos nele, era preciso votar em Serra⁹⁰. O petista reclamou do “terrorismo eleitoral” promovido pelo PSDB e afirmou que as mentiras inventadas eram desespero de quem estava atrás nas pesquisas⁹¹.

A campanha serrista ainda tentou comparar a atuação de ambos quando foram ministros de Estado. Supostas falhas no ENEM foram levantadas. 3 dias antes da votação, o coordenador de mídias sociais da campanha do PSDB espalhou via Twitter uma notícia falsa de que o ENEM de 2012 havia sido cancelado com o comentário: “Vai Haddad”. Dias antes, a Justiça Eleitoral determinou ao Google que retirasse do ar um falso site de Haddad que continha propostas absurdas e estava sendo compartilhado por integrantes do setor de comunicação do candidato do PSDB⁹².

Líder nas pesquisas, Haddad passou todo o segundo turno na defensiva, apenas rebatendo as ofensivas e críticas do adversário. Em suas inserções na televisão repisou o fato da renúncia de Serra à prefeitura em 2006 e a proximidade dele com a rejeitada gestão do prefeito Kassab. Também se apresentou como bom gestor à frente do Ministério da Educação. Os então populares Lula e Dilma subiram ao palanque petista⁹³. Na véspera da eleição, o *Estadão* conclamou seus leitores a continuarem “resistindo a esse desatino” que seria, na cosmovisão antipetista do periódico, “a desmedida ambição de poder” do PT e a capacidade do ex-presidente Lula na “invenção” de candidatos capazes de vencer o PSDB⁹⁴.

No domingo da votação, a manchete de capa do *Estadão* admitia que Haddad seria eleito prefeito. De fato, o petista recebeu 55,57% dos votos válidos contra 44,43% de sufrágios em José Serra. No geral, os eleitores indecisos, de Russomano e Chalita optaram pelo PT. O jornal

⁸⁸ Jornal *OESP* de 17/10/2012, p. A9 e 18/10/2012, p. A6.

⁸⁹ Jornal *OESP* de 10/10/2012, p. A6 e 16/10/2012, p. A8.

⁹⁰ Jornal *OESP* de 19/10/2012, p. A9, 24/10/2012, p. A10, 25/10/2012, p. A6 e 27/10/2012, p. A10.

⁹¹ Jornal *OESP* de 22/10/2012, p. A4 e 24/10/2012, p. A10.

⁹² Jornal *OESP* de 10/10/2012, p. A6, 19/10/2012, p. A10 e 26/10/2012, p. A6.

⁹³ Jornal *OESP* de 14/10/2012, p. A7, 15/10/2012, p. A4 e 21/10/2012, p. A6.

⁹⁴ Jornal *OESP* de 27/10/2012, p. A3.

reconheceu na manchete do dia seguinte que o resultado foi uma “vitória pessoal de Lula”. Em seu discurso, Haddad ironizou os críticos: “sou o 2º poste do Lula”⁹⁵.

Considerações Finais:

Três vitórias presidenciais seguidas contra o PSDB. Em menos de dois anos, a segunda vitória de “um poste do Lula” contra o experiente José Serra e, dessa vez, no reduto mais peessedebista do país. Mais que isso: o PT elegeu 77 prefeitos a mais que em 2008, enquanto nos opositoristas, o PSDB perdeu 89 prefeituras e o DEM perdeu 218 paços municipais⁹⁶. Em análise detalhada do mapa de votação de São Paulo, Haddad conseguiu o objetivo inicial de Lula ao lançá-lo candidato: avançou na “zona antipetista” de classe média alta, vencendo em 07 das 30 zonas eleitorais tradicionalmente hostis ao PT, ao mesmo tempo que consolidou ampla diferença na periferia. José Serra e o PSDB acabaram confinados nas áreas mais ricas e com maioria de população acima dos 65 anos de idade⁹⁷.

Como pontuamos ao longo do texto, o *Estadão* manteve sua histórica posição antipetistas e a favor de candidatos do PSDB. Outro exemplo editorial ilustra isso. Em três editoriais, a presença da presidenta Dilma nos palanques do correligionário Haddad foi criticada pelo periódico como sendo uma postura não republicana da chefe do poder Executivo⁹⁸. Porém, o jornal não dedicou uma linha sequer para criticar o governador Geraldo Alckmin, chefe do poder Executivo estadual, por ser presença constante nos palanques do correligionário Serra. Na cosmovisão do periódico, para derrotar o PT, é natural o PSDB usar a máquina pública a favor do seu candidato.

O antipetismo do jornal se revelou em análises políticas que mais se pareciam com torcidas pelo time/candidato do coração. Primeiro, previu que a entrada de Dilma nas campanhas petistas faria o partido levar “uma surra nas urnas”. Depois, vaticinou que Lula estaria “definindo” politicamente por conta de o “esfarelamento petista nas eleições municipais” serem resultado da “mão pesada de Lula” na definição dos candidatos e coligações do partido pelo país. Confrontado com a realidade das urnas, o *Estadão* apelou para a ironia, chamando Lula de “o levantador de ‘postes’”, pontuando que a vitória de Haddad em São Paulo fez prevalecer a “intuição de Lula” na definição do renovado perfil de candidatos para o partido⁹⁹.

A oposição apostou que a concomitância das eleições municipais com o julgamento do mensalão, traria prejuízo eleitoral ao PT e significaria o início da derrocada petista, a ser culminada com a retomada do governo federal pelo PSDB em 2014. A expectativa não se confirmou e a oposição precisaria de outra estratégia política e social para desgastar o PT. Assim,

⁹⁵ Jornal *OESP* de 28/10/2012, p. A1, 29/10/2012, p. A1, H2 e H8.

⁹⁶ Jornal *OESP* de 29/10/2012, p. H12.

⁹⁷ Na “zona antipetista”: Serra (58%) e Haddad (42%); na “zona petista”: Haddad (73%) e Serra (27%). 29/10/2012, p. H10.

⁹⁸ Jornal *OESP* de 03/03/2012, p. A3, 16/09/2012, p. A3 e 02/10/2012, p. A3.

⁹⁹ Jornal *OESP* de 17/09/2012, p. A3, 30/09/2012, p. A3, 23/10/2012, p. A3 e 30/10/2012, p. A3.

era justificável o receio da oposição e de setores da imprensa, classe média e burguesia, da perspectiva de estarem diante de uma crescente hegemonia político-eleitoral do PT. O ex-presidente Lula e a presidenta Dilma continuavam gozando de altos índices de popularidade e aprovação, muito por conta do crescimento dos postos de trabalho, do consumo e da renda do trabalhador. Como aponta André Singer (2018), o cerco rentista à Dilma, junho de 2013 e a defecção do PMDB mudariam o cenário para sempre.

Referências bibliográficas:

- ABRANCHES, Sérgio *et al.* **Democracia em risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ABRANCHES, Sérgio. **Presidencialismo de coalizão:** raízes e evolução do modelo político brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018;
- BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- DIP, Andrea. **Em nome de quem?** A bancada evangélica e seu projeto de poder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- GUILHERME, Cássio Augusto. **1989:** história da primeira eleição presidencial pós-ditadura. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.
- GUILHERME, Cássio Augusto. **A imprensa como partido político-ideológico:** o caso do jornal O Estado de S. Paulo. Revista Dimensões (UFES), 2018.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2011.
- MIGUEL, Luis Felipe. **O colapso da democracia no Brasil:** da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- NASCIMENTO, Gilberto. **O reino:** a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento.** São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SINGER, André. **O lulismo em crise.** São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- SINGER, André. **Os sentidos do lulismo.** São Paulo: Companhia das letras, 2012.